

TRADICIONALISTAS: soldados de um movimento

O tradicionalista, segundo Barbosa Lessa, é o soldado de um movimento. Diz o saudoso estudioso que *“Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo.”*

O tradicionalismo não é uma tentativa estéril de retorno ao passado, mas um movimento que constrói para o futuro. A construção para o futuro está exatamente na definição que Lessa dá ao tradicionalismo e que encontramos no primeiro item da Carta de Princípios: *“Tradicionalismo é o movimento popular que visa auxiliar o Estado na consecução do bem-coletivo, através de ações que o povo pratica (mesmo que não se aperceba de tal finalidade) com o fim de reforçar o núcleo de sua cultura; graças ao que a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranqüilidade na vida em comum”*.

É aqui que encontramos a essência do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O MTG não é uma teoria, é uma organização que se concretiza por intermédio dos Centros de Tradições Gaúchas, agremiações de cunho popular que têm por fim estudar, divulgar e fazer com que o povo “viva” as tradições sul-rio-grandenses. O tradicionalismo gaúcho organizado não é e nem pretende ser uma ciência, ele é uma realidade, é uma prática que para orientar as ações e torná-las eficientes utiliza conceitos de diversas ciências, como o folclore, a sociologia e a antropologia. Apropria-se, também, de diversas técnicas que facilitam a agregação social, como o esporte, a literatura e a arte. Como motivação o MTG, desde a sua criação, no ano de 1966, explora o espírito competitivo que caracteriza o homem em geral, e o gaúcho em particular.

Ser um “soldado do tradicionalismo” é fazer parte de um movimento popular que busca, através da apropriação de valores, fatos históricos e mitos, pela reprodução folclórica e na convivência familiar intensa, fortalecer o “grupo local”, firmar uma “identidade própria” e fazer aflorar o sentimento inato de “pertencimento”.

Fazer parte de uma entidade tradicionalista é, portanto, ser membro de um núcleo social que assume a responsabilidade construir um futuro mais harmônico, onde as pessoas possam se realizar como cidadãos, exercendo e sofrendo influência dos demais membros daquele “grupo local”. Quando os membros de um grupo de danças ou os integrantes do quadro de laçadores de um CTG não participam ativamente das diversas atividades da entidade perdem a característica fundamental de “soldados” para se transformar em meros coadjuvantes do processo.

Assim, também, as entidades tradicionalistas deixam de cumprir o seu papel quando elegem a formação de quadros competitivos (dança, laço, truço, etc.) como principal atividade. Sempre que uma entidade tem nos resultados dos quadros competitivos a medida da sua eficiência se perde e está fadada a desaparecer como núcleo de formação e preservação da cultura. Sempre que, ao não classificar um grupo de danças para a fase final ou entre os primeiros colocados de uma competição (rodeio ou ENART), recorre a expedientes administrativos ou judiciais para garantir a participação naquele evento, está deixando claro que perdeu ou nunca teve a noção clara da finalidade da sua existência.

O próprio MTG, como organização maior, muitas vezes se perde ao eleger os eventos competitivos como sua tarefa mais importante. Concursos de prendas, de peões, de laçadores, de ginetes, de bochófilos, de grupos de danças, de declamadores, etc. devem ser

unicamente ferramentas de motivação e nunca finalidade. Com esta concepção é que estamos gradualmente transferindo para a Fundação Cultural Gaúcha-MTG a responsabilidade de organizar e executar estes eventos, permitindo ao MTG dedicar-se ao fortalecimento dos aspectos associativos, filosóficos e políticos (não partidários) do tradicionalismo gaúcho, cumprindo a Carta de Princípios e pautando suas ações na filosofia encontrada em documentos como “O sentido e o valor do tradicionalismo” de Barbosa Lessa e no “O sentido e o alcance social do tradicionalismo” de Jarbas Lima.

ManoelitoT Carlos Savaris
Presidente MTG